CINEMAS DE PETRÓPOLIS NO SÉCULO XX PELAS MEMÓRIAS DE JOAQUIM ELOY DOS SANTOS

Natália Stadler Luiz[86]
nataliastadler@yahoo.com

Resumo
Este artigo analisa o surgimento e a trajetória do Cinema Petrópolis e do Cine Glória, dois antigos cinemas de rua que existiram em Petrópolis, cidade da região serrana do Rio de Janeiro, no século XX. O trabalho se construiu a partir das memórias de Joaquim Eloy dos Santos, 84 anos, professor e pesquisador da cidade que possui um passado densamente permeado pela cultura cinematográfica local. Petrópolis é conhecida como Cidade Imperial por ter sido sede da residência de verão de D. Pedro II, característica essa que levou este estudo a buscar por pontos de contato entre o caráter imperial da cidade, tão presente até hoje, e suas salas de cinema. A pesquisa de campo seguiu um viés historiográfico, analisando jornais, programas, fotografias, desenhos e plantas baixas dos antigos cinemas investigados. O artigo se situa no campo de estudo da New Cinema History, das Histórias de Cinemas e da Memória da Ida ao Cinema/Memória das Audiências, pois joga luz sobre o aspecto de exibição e recepção de um ponto de vista que não é geralmente abordado pela Grande História do Cinema.

Palavras-chave: salas de cinema, Cinema Petrópolis, Cine Glória (Petrópolis), memória da ida ao cinema, historiografia do cinema.

Abstract
This article analyzes the emergence and trajectory of the Cinema Petrópolis and the Cine Glória, two old sidewalk cinemas that existed, in the 20th century, in Petrópolis, a city in the highland region of Rio de Janeiro. The paper was based on the memories of Joaquim Eloy dos Santos, 84 years old, a scholar of the city that has a past densely permeated by the local cinema culture. Petrópolis is known as the Imperial City because it was the seat of D. Pedro II's summer residence, a characteristic that led this study to search for points of contact between the imperial characteristic of the city, so present until today, and its cinemas. The fieldwork followed a historiographical bias, analyzing newspapers, programs, photographs, drawings and floor plans of the old cinemas investigated. The methodological and conceptual perspective of this article is inspired by the New Cinema History studies, the Stories of Cinemas studies and Cinemagoing Memories studies. It throws light on the aspect of exhibition and reception from a point of view that is not usually addressed by the Great History of Cinema.

Keywords: cinemas, Cinema Petrópolis, Cine Glória, cinemagoing memories, cinema historiography.

[86] Trabalho orientado por: Talitha Ferraz (talitha.ferraz@espm.br)

ESPM Rio de Janeiro
Rua do Rosário 90/111 Centro Rio de Janeiro RJ Brasil 20041-002 T 21 2216 2000

1. Introdução

1.1. Petrópolis, a cidade imperial

> 813 metros acima do nivel do mar, distante 1 hora e 40 minutos da Capital, rapidez e commodidade de viagens, magnificas casas de residencia ao alcance de todos, excellente passeio, boa condução, automoveis, carros, bondes, auto-omnibus, etc. grandes e optimos collegios, internos e externos, para meninos e meninas, clima maravilhoso, temperatura média de verão 20 gráos, e de inverno 15 gráos. Clima de verão excellente, clima de inverno, o mais saudavel (VIDA COMMERCIAL [Revista], 1929, p.9).

Povoada por índios Coroados, a Serra da Estrela era desconhecida pelos colonizadores portugueses. Apenas quando houve a descoberta da existência de ouro em Minas Gerais foi aberto o "caminho novo", por Garcia Rodrigues Paes, que fazia o trajeto em vinte dias, cerca de um terço do que levava o "caminho velho". Entretanto, "a subida do paredão da Serra do Mar, em Xerém, era muito íngreme, onde muitas vezes pessoas e mulas carregadas rolavam ribanceira abaixo"[87]. Anos mais tarde, foi construída uma nova subida da Serra por Bernardo Proença, passando pela Fazenda do Córrego Seco.

Durante viagens por esse mesmo caminho, D. Pedro I se hospedava em uma fazenda vizinha, a do Padre Correia, a qual tentou comprar alguns anos depois, mas devido a uma recusa, acabou comprando a Fazendo do Córrego Seco por vinte contos de réis, em 6 de fevereiro de 1830. Foi apenas após a abdicação de D. Pedro I e a maioridade de D. Pedro II que a fazenda voltou a ser assunto entre a família imperial. Em 16 de março de 1843, o Imperador aprovou um decreto que autorizava o estabelecimento de uma colônia alemã e a construção do palácio de verão na região. Nesta data é comemorado até hoje o aniversário de Petrópolis. Desde então, a cidade não demoraria para receber as mais diferentes inovações da Modernidade. Petrópolis se tornaria, então, uma cidade tão importante quanto o Rio de Janeiro. E

[87] Retirado do site da cidade de Petrópolis. Disponível em: <http://www.petropolis.rj.gov.br/fct/index.php/petropolis/historia>. Acesso em: 24 nov. 2019.

décadas mais tarde, Petrópolis também seria inserida no contexto cinematográfico brasileiro.

A cidade teve contato com as exibições itinerantes desde muito cedo, tendo a primeira delas sido registrada em 1897. O Cinematógrafo de Edson foi exibido no dia 1º de maio no Cassino Fluminense e anunciado como "estupenda maravilha [...] produzida pela eletricidade, reproduzindo com a maior fidelidade todos os actos e movimentos, das coisas e da vida animada e qualquer das suas acções, em tamanho natural" (GAZETA DE PETRÓPOLIS, 1º mai. 1897).

A informação sobre esta projeção, que teria sido organizada por Vittorio Di Maio, divide opiniões entre pesquisadores brasileiros. Segundo as fontes mais usuais, neste dia foram exibidos os primeiros filmetes realizados no Brasil. Entre eles, estava a fita "Chegada do Trem em Petrópolis". Em fontes diversas encontramos a indicação de que a exibição no Cassino Fluminense foi a primeira exibição de um filme nacional realizada no Brasil. Porém, na revisão desse dado histórico, isso é contradito por alguns autores:

> Logo depois, no primeiro capítulo de sua história do cinema brasileiro para o Jornal do Cinema, [Adhemar] Gonzaga põe sob suspeita as filmagens apresentadas pelo exibidor ambulante Victor ou Vittorio Di Maio em Petrópolis, no Cassino Fluminense, nos dias primeiro e 6 de maio de 1897, citando, entre os quatro curtas projetados, somente dois: a *Chegada do trem em Petrópolis* (1897) e *Bailado de crianças no colégio, no Andaraí* (1897). Os outros dois títulos seriam *Uma artista trabalhando no trapézio do Polytheama*, de 1897, e *Ponto terminal da linha de bondes de Botafogo, vendo-se os passageiros subir e descer*, também de 1897. No caso do filme da artista trabalhando no Teatro Polytheama, Gonzaga deve ter omitido a referência provavelmente porque reconheceu uma troca de títulos grosseira de um filme estrangeiro por um nacional [...]. Vittorio Di Maio tinha feito exibições em São Paulo e certamente conhecia o Teatro Polytheama da cidade, mas nunca se soube de filmagens, inclusive de certa complexidade para a época, realizadas por ele. Quanto ao curta do terminal de bondes, a razão para a omissão não se estabelece de imediato, pois se tratava exatamente dessa construção nacionalista que operava Di Maio em Petrópolis. E foi como tal que Gonzaga colocou sob suspeita: Di Maio era um simples exibidor ambulante, sempre o foi, nunca se referiu às filmagens até morrer em Fortaleza em 1926 nem teria condições de realizar a

> produção, já que trabalhava com aparelhos de projeção até hoje desconhecidos, e não com um Lumière que filmava e projetava (SOUZA, 2018, p. 30-31).

Em dezembro de 1897, no Salão Bragança, localizado no Hotel Bragança, ocorreu a estreia do Cinematógrafo Lumière pelas mãos de Dr. Cunha Sales. A sessão teve ingressos vendidos a 2$000 a cadeira e 1$000 o assento geral. A partir desse momento, Petrópolis não ficou para trás no mercado exibidor audiovisual. As projeções itinerantes começaram a ocupar mais hotéis, teatros e praças da cidade, chamando a atenção do público. Mais tarde, as devidas salas de cinema, regulares e sedentarizadas, começaram a surgir. Algumas tomaram o lugar de teatros que foram convertidos em cine-teatros, principalmente na Avenida 15 de Novembro (atual Rua do Imperador), parte central da cidade: uma área cercada por comércio, imprensa e pontos históricos da época da família imperial.

1.2. Campo de pesquisa e lentes teóricas

Durante a minha procura por dados e informações sobre os cinemas da cidade[88], fui a bibliotecas e arquivos em busca de documentos da época de incorporação da cultura cinematográfica em Petrópolis. Diversas vezes me deparei com colunas de jornais sobre o tema escritas por uma pessoa chamada Joaquim Eloy dos Santos, membro do Instituto Histórico de Petrópolis (IHP). Inicialmente, tomei-o como uma ótima fonte: um professor que tinha como foco de seus escritos o mesmo objeto da minha pesquisa, ou seja, os cinemas petropolitanos.

Entrei em contato com o IHP solicitando uma entrevista com o professor Eloy e, após nove dias, consegui obter o seu contato. Marcamos uma entrevista para o dia 31 de maio de 2019, no atual Teatro e Escola de Música Santa Cecília, que, inclusive, já foi um cinema (que aqui em breve será comentado, embora não seja o foco deste artigo).

[88] O trabalho de coleta de dados foi realizado para a pesquisa de conclusão da graduação em Cinema e Audiovisual, na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM Rio), em 2019.

Quando me encontrei com o professor, fomos até a sala da presidência do teatro. Naquela tarde, Eloy contou o que já havia estudado sobre alguns cinemas, mas, além disso, contou também sobre a sua própria história de vida, surpreendentemente muito interligada à própria história da exibição cinematográfica na cidade, muito mais do que eu poderia imaginar.

Joaquim Eloy tem hoje 84 anos, já foi presidente da Escola de Música Santa Cecília, mas atualmente ocupa a posição de vice-presidente. Filho de Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos, cresceu dentro do Cine Teatro Santa Cecília, do qual o seu pai foi dono, tendo, assim, mantido contato direto com o universo cinematográfico desde a sua infância.

Diante desse contexto apresentado a partir do contato com Joaquim Eloy e suas memórias pessoais ligadas ao cenário exibidor de Petrópolis, esta pesquisa de viés historiográfico teve como metodologia uma abordagem multissituada, utilizando-se de métodos provenientes da etnografia, história oral, pesquisa em arquivos, análise de programas, material iconográfico, entrevistas com interlocutores que vivenciaram e/ou estudaram os cinemas de rua de Petrópolis.

Além disso, a própria fundamentação teórica deste trabalho se articula ao tipo de metodologia aqui seguida. O estudo que deu origem a este artigo está situado em um campo de pesquisas que lida com historiografia de salas de cinemas e com relatos de pessoas sobre suas relações pessoais e coletivas com estes equipamentos, modos de ver filmes e tudo o que isso contempla: desde trajetos da casa às sessões nas ruas das cidades a questões de gosto por este ou aquele cinema por causa dos tipos de filmes exibidos, conforto da sala etc. Dentro deste campo, hoje há linhas como a de Histórias de Cinemas, termo pensado pelo pesquisador Prof. João Luiz Vieira, da UFF, a de Memória da Ida ao Cinema/Memória das audiências, termos pensados pela pesquisadora Profa. Talitha Ferraz, da ESPM-Rio e PPGCine-UFF, e a vertente internacional, New Cinema History, composta por uma série de autores, entre eles: Daniel Biltereyst, Richard Maltby e Philippe Meers (2012; 2011) e a pioneira Annette Kuhn (2002).

> Assim, por meio de metodologias que priorizam a história oral, as etnografias e a extensa produção de bases de dados e mapas de geolocalização de cinemas e dinâmicas dos públicos, as pesquisas realizadas no eixo da New Cinema History examinam histórias e memórias das práticas de "ida ao cinema" (cinema-going practices and cinema-going memories) e os agenciamentos existentes entre produção, exibição, distribuição e estruturas da fruições e consumos cinematográficos (FERRAZ, 2017, p. 6).

Esses eixos trazem possibilidades de olhar e analisar o objeto sala de cinema (suas histórias e inserções no contexto urbano) e as memórias de pessoas envolvidas com a trajetória de tais espaços. Isso quer dizer que os autores dessas perspectivas trabalham com a ideia de que um cinema é um lugar atravessado por aspectos de ordens socioculturais, espaciais, urbanas, políticas, comunitárias diversas, a própria ida a campo e o levantamento de dados sobre esses equipamentos. Tudo isso já faz parte de uma postura que preza um método de pesquisa, em termos gerais, "arqueológico", como também um modo de reflexão sobre sua importância na vida de pessoas e cidades (suscitando aspectos que jogam luz sobre a situação de preservação e desaparecimento desses cinemas, tal como é o trabalho de outro pesquisador desse viés, o Prof. Rafael de Luna, da UFF).

Outra questão que aqui foi estudada é a produção de memória, de forma a considerar o que o interlocutor Eloy se lembra atualmente diante do seu passado densamente atravessado pela cultura do cinema em Petrópolis. Uma das preocupações dessa pesquisa foi valorizar as lacunas existentes na fala de Eloy. Tal aposta se relaciona com o que Tzvetan Todorov diz sobre a produção de memórias: "A memória não se opõe absolutamente ao esquecimento. Os dois termos contrastantes são o apagamento (o esquecimento) e a conservação; a memória é, sempre e necessariamente, uma interação entre os dois" (TODOROV apud FERRAZ, 2016, p.15).

Desse modo, fazemos, com base na fala de Eloy, uma breve análise da trajetória do Cinema Petrópolis, que foi inaugurado em 1914 com o nome de Teatro Xavier. Também é abordado o Cine Glória, de 1929, este mais popular e bem

distinto do anterior, que é cronologicamente mais antigo no cenário exibidor da Cidade Imperial. Enquanto isso, as memórias de Eloy permeiam todo o texto.

2. Os cinemas de Petrópolis pelas memórias de Joaquim Eloy

2.1. O Petrópolis

Em 1913, João Xavier manda construir na Avenida XV de Novembro o Teatro Xavier, que seria inaugurado no dia 6 de fevereiro de 1914. O prédio, de arquitetura neoclássica, possuía 28 camarotes, 18 frisas, 620 cadeiras e 400 galerias. Sua estreia se deu com uma apresentação de teatro da Companhia Caramba, à qual compareceram grandes figuras da época, entre eles, o então presidente Marechal Hermes da Fonseca, o Dr. Arthur de Sá Earp e o Dr. Oswaldo Cruz, que viria a ser mais tarde o primeiro prefeito de Petrópolis.

Após a temporada teatral e os bailes carnavalescos realizados no espaço, Xavier começou também a ter interesse em operar o local como cinema, tal como algumas casas e teatros já vinham fazendo. Em 28 de fevereiro de 1914, é publicado um anúncio na Tribuna de Petrópolis a respeito da exibição que ocorreria lá naquela noite. A publicação dizia que a casa contava com uma "grande e magnífica orquestra" e se destacava da concorrência. Os valores de seus ingressos para aquela sessão eram de 10$000 – camarotes; 8$000 – frisas; 1$000 – poltronas; e $500 – galerias.

Apesar de ser considerada pelo próprio Xavier como a melhor e maior casa de exibição da cidade, houve dificuldades para manter um bom rendimento com a bilheteria fora da temporada de veraneio, ou seja, durante os meses mais frios de Petrópolis, uma cidade serrana. O empresário, então, tentou se manter ora promovendo o local, ora o arrendando para algum outro interessado do ramo comercial.

Em julho de 1914, ainda na direção do teatro, Xavier tomou a decisão de abrir o espaço apenas às quintas-feiras e aos domingos. Mais tarde, voltaria a tentar chamar a atenção do público com a realização de peças teatrais junto à exibição de

filmes. Ele investiu até mesmo numa nova máquina “emissora” de bilhetes e em um novo aparelho de projeção cinematográfica.

João Xavier anunciou, então, em 1916, que o Teatro fecharia para reformas, mas nenhuma modificação estrutural foi feita, de acordo com o entrevistado Eloy. O que ocorreu foi o arrendamento do espaço para Jacomo Rosario Staffa, empresário vindo do Rio de Janeiro para explorar o mercado exibidor em Petrópolis.

Jacomo Rosario Staffa, ou J.R. Staffa (conforme se tornou mais conhecido no mercado exibidor), era italiano e migrou para o Brasil aos doze anos, fugindo da fome que assolava a Itália no século XIX. Trabalhou no Jardim Zoológico do Barão de Drummond, no Rio de Janeiro, local onde o jogo do bicho teve início. Percebendo nesse negócio uma oportunidade de ganho financeiro, pediu demissão e abriu uma banca de jornal em frente ao zoológico, empresariando, assim, o jogo do bicho. Após conseguir muito dinheiro, ele se mudou para o Centro da cidade, onde começou a se envolver com outros negócios, entre eles, o cinematográfico. J.R. Staffa abriu o seu Cinematógrafo Parisiense em 1907, na Avenida Rio Branco, nº 179: esta abertura é considerada o surgimento do circuito exibidor fixo no país (GONZAGA, 1996).

No momento de inauguração da casa de entretenimento, as exibições se deram através da compra direta de fitas internacionais, e foi exibindo filmes importados que Staffa então prosperou na cidade do Rio de Janeiro. Entre 1909 e 1910, entretanto, quando a figura do distribuidor parece ficar mais nítida entre as etapas mercantis dos negócios de cinema, Staffa começou a perder forças comerciais. De acordo com Hernani Heffner, em entrevista que realizei em 15 de abril de 2019, Staffa “não soube se adaptar aos novos tempos, não tem força econômica para se opor a um Francisco Serrador”, outro empresário dos divertimentos urbanos cariocas com quem o Staffa chegou, inclusive, a se envolver em processos jurídicos sobre o direito de importação de empresas europeias, como a dinamarquesa Nordisk. Assim, Staffa se viu obrigado a explorar outros circuitos, por exemplo, Petrópolis.

Naquela época, ainda de acordo com o pesquisador Hernani Heffner, além do Rio de Janeiro, outras cidades de grande importância no meio exibidor eram Niterói, por ser a capital do estado; Campos dos Goytacazes, por ser muito rica; e Petrópolis, pela sua relevância no circuito de cinemas. Foi nesse contexto que Staffa se interessou pelo Teatro Xavier e se tornou seu novo proprietário, rebatizando-o como Teatro Petrópolis, que ganhou, por sua vez, mais uma inauguração em 1° de abril de 1916.

Algumas informações sobre este cinema só foram possíveis de serem coletadas por meio dos relatos mnemônicos de Eloy. Entre suas memórias, há um forte apelo, inclusive, das imagens do cinema. Em nossa entrevista, Eloy mostrou alguns de seus desenhos, que, curiosamente, revelam-no como o artista por trás de várias ilustrações veiculadas em colunas e reportagens de jornais que consultei. Sobre essa prática como ilustrador, Eloy afirmou que utiliza fotografias antigas como base, principalmente aquelas que já estão sendo apagadas pela ação do tempo ou cujas condições de deterioração se devem à má preservação; é a partir delas que ele trabalha os detalhes na criação de suas gravuras.

Enquanto mostrava um desses desenhos, justamente um do Cinema Petrópolis, pude ter uma ideia de como foi a fachada desse cinema por volta de 1920. Nesse momento, Eloy também contou como era a entrada do Cinema Petrópolis, explicando que o prédio era cercado por lojas e até mesmo tinha algumas em seu interior:

> Você vê que fizeram o cinema numa loja, né? Mas adaptaram bem... que aí fizeram uma... porque o cinema era um anexo. Isso aqui era uma loja que vinha até aqui, o cinema, você saía aqui e entrava pelo lado... Pra ir ao cinema, que ia até lá atrás, até a [atual] Rua 16 de Março, né (DOS SANTOS, 2019[89]).

Ele também comenta sobre o Cine Capitólio que ficava na mesma rua do Cinema Petrópolis e se estendia até ser praticamente engolido por um morro que

[89] Entrevista concedida à autora no dia 31 de maio de 2019, no atual Teatro e Escola de Música Santa Cecília, em Petrópolis-RJ.

existia na região, onde hoje se localiza a Rua 16 de Março, atualmente paralela à Rua do Imperador (antiga Avenida XV de Novembro): “Só que a 16 de Março não estava aberta, era morro. O Capitólio morria dentro de um morro, que morria quase que dentro do Capitólio”.

Menos de um ano depois de se tornar o proprietário, J.R. Staffa chamou Roldão Barbosa para gerenciar o Cinema Petrópolis. Roldão era engenheiro de formação, já havia estudado fora do país e tinha voltado com vontade de se tornar um grande empresário do circuito exibidor. Ele ficou por muito tempo administrando o Petrópolis, mais tarde adquiriu também o Glória e, por último, o Capitólio.

Em 29 de novembro de 1929, ocorreu a estreia do cinema sonoro na cidade, no próprio Cinema Petrópolis. Entre 1939 e 1940, o prédio do Teatro Petrópolis foi demolido e um novo edifício foi construído em seu lugar. A gerência também passou por mudanças, pois Severiano Ribeiro veio explorar os cinemas da cidade, começando pelo Teatro Petrópolis, que foi por ele parcialmente rebatizado como Cinema Petrópolis.

Com os arrendamentos feitos por Severiano Ribeiro, a pessoa que ficou responsável pelo gerenciamento desses cinemas foi o petropolitano Benjamim Sirimarco, que, segundo Eloy, era rigoroso e não deixava as pessoas entrarem sem pagar. Mas Eloy conta que a sua mãe era costureira e produzia calças para o Sr. Benjamim. Por causa dessa ligação, o gerente do cinema deixava Eloy entrar nas sessões de graça:

> A minha mãe era costureira, ela costurava... fazia calça pro senhor Benjamim, que era o gerente do cinema, e ela falava assim “Ó, vai levar a encomenda do Sr. Benjamim”. Eu fazia questão [de ir] porque eu aproveitava e entrava no cinema pra assistir ao filme [risos], sem pagar [risos], essa era a emoção, né. Ele morava num chalé que ficava num morro, atrás do cinema, subia uma escadinhazinha... A escadinha era na [atual] Rua 16 de Março e ia no chalé. Eu lembro disso. Então fazia questão de levar as calças do Sr. Benjamim [risos] (DOS SANTOS, 2019).

O prédio do Cinema Petrópolis se encontra de pé até hoje na Cidade Imperial. O edifício é tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) e a extinta sala de cinema, desativada em 1996, também foi tombada, mas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O prédio do Cinema Petrópolis permaneceu fechado por 16 anos, até ser iniciada uma reforma que o transformou numa igreja evangélica. A inauguração da igreja Deus é Amor, hoje proprietária do imóvel, ocorreu em 2016 no local, sendo mantidos detalhes como piso e cadeiras originais do extinto cinema.

2.2. O Glória

O Cine Glória foi um caso inusitado em diversos aspectos. Diferente dos outros cinemas já citados aqui, o Petrópolis e o Capitólio, o Cine Glória foi pensado desde a sua criação para ser um cinema, ou seja, fora construído exclusivamente para a função exibidora. Ele não ficava na Av. XV de Novembro, a principal via da cidade, como os demais. De acordo com Eloy, o espaço ocupado pelo Cine Glória era um terreno baldio que fora cedido pelo Conde d'Eu especialmente para a construção do cinema. Essa cessão por parte da Família Imperial teria se dado porque o terreno ficava nos fundos do Palácio Imperial (atual Museu Imperial), em um espaço onde havia o Bosque do Imperador (provavelmente, com características diferentes das de hoje), localização que curiosamente também ficava em frente à casa do Príncipe:

> Aquele terreno foi cedido pelo Conde d'Eu para fazer o cinema Glória ali. O Bosque do Imperador era os fundos do Palácio (Imperial), né. E aquilo tudo ali, aquela área até a Praça Dom Pedro, era da Família Imperial. Lá da França eles foram vendendo. Eu não sei se o Conde d'Eu vendeu ou doou pra fazer esse cinemazinho Glória ali (DOS SANTOS, 2019).

Contudo, de acordo com a Tribuna de Petrópolis[90], o Cine Glória foi inaugurado no já existente edifício do Centro Catholico, onde, também segundo a Tribuna,

[90]Tribuna de Petrópolis, 21 de maio 1929. Anúncio publicado na capa do jornal no dia 30 de maio 2019. (Fonte: Arquivo Histórico de Petrópolis).

existiu previamente o Cinema Centro. Pode ser que Eloy tenha se confundido, embora não tenhamos como saber com certeza qual dado é mais concreto, devido à dificuldade de obtenção de informações mais completas sobre a trajetória do Cinema Centro.

É possível afirmar que pelo menos durante os anos de 1926 e 1930 já havia algum tipo de instalação arquitetônica construída no espaço, tendo em vista que durante o nosso levantamento de dados analisamos o "Livro de Impostos Prediais da cidade de Petrópolis", no qual encontramos entradas sobre o endereço da Rua Almirante Barão de Teffé, 454 A, o que nos confirma que, sim, já existiam instalações prediais no referido espaço. Nesses livros, há anotações sobre um prédio chamado Centro Catholico e ainda uma inserção da palavra "cinema" no segundo semestre de 1928. Esse dado nos leva a crer que se tratava realmente do Cinema Centro, já que o Cine Glória só viria a ser inaugurado em 23 de maio de 1929. Também é possível afirmar que existia, de fato, uma ligação do local com a Família Imperial, como foi dito por Eloy, pois nos Livros de Impostos Prediais consta a "Sua Alteza Imperial", D. Isabel, Condessa d'Eu, como proprietária do terreno, ou seja, a Princesa Isabel, esposa do Conde d'Eu.

Outra informação que podemos assumir a partir do material encontrado nos Livros de Impostos Prediais é a de que o próprio Roldão Barbosa teria morado em uma parte do espaço que pertencia à Princesa Isabel, na Rua Almirante Barão de Teffé, de número também 454, mas com complemento B, enquanto o cinema, pelo que parece, ficava no complemento A.

Abordando o funcionamento do cinema em si, o Cine Glória foi de propriedade de Jorge Paulo, e como já dito, não ficava localizado na Avenida XV de Novembro, o que automaticamente o tornava um cinema mais popular, apesar de seu endereço ser perpendicular à avenida. Cremos nessa classificação porque a Avenida XV de Novembro reunia os edifícios mais importantes da vida urbana da cidade, fato que a valorizava diante de demais vias. Ao lado dessas razões de ordem de localização e do tipo de programação, este cinema talvez não possa ser considerado um cinema

lançador, isto é, um cinema de primeira linha, mas, sim, um cinema de reprises. Além disso, o Glória apostava em outras fontes de renda. De acordo com Eloy: "O cinema Glória, ele não passava lançamento e era o palco [em] que se faziam encontros... Teve encontro do partido nazista ali, do Integralista. [...] O dono do Glória tinha uma simpatia pelo Integralismo. Cediam muito [o espaço] pra formatura" (DOS SANTOS, 2019).

Tivemos grandes dificuldades para localizar material de arquivo consistente a respeito do Cine Glória. Não foram encontradas fotografias internas ou externas e os anúncios publicados nos jornais não eram tão recorrentes como os relacionados aos cinemas Petrópolis e Capitólio. Não se sabe o motivo da desativação do Glória e não conseguimos descobrir a data certa de seu fechamento (sabemos ao menos que ele funcionou ao longo dos anos 1940). A própria história do dono deste cinema não é muito conhecida. Quando perguntado, Eloy afirmou que nem se lembrava a quem o cinema pertenceu inicialmente. A única imagem encontrada do Glória foi uma gravura feita pelo próprio professor Eloy, que comentou: "O Glória foi uma coisa muito estranha. Eu não sei por que, mas não fotografaram muito, não deram muita confiança a ele, não. [...] Talvez porque fosse cinema dos pobres. Esse povo de Petrópolis tinha uma mania de ser meio elite" (DOS SANTOS, 2019).

Em certo momento, o cinema passou a ser gerido por Roldão Barbosa[91], que já tinha em seus planos se tornar um grande empresário do ramo exibidor na cidade. Não sabemos ao certo quando esta mudança na carreira do empresário se deu, mas parece ter ocorrido logo no início da existência do Glória. Nessa época, Barbosa já administrava também o Teatro Petrópolis, como já mencionamos, e iria adquirir o Capitólio pouco mais tarde, tornando-se, assim, a grande figura local do circuito cinematográfico de Petrópolis.

[91] Mais uma coincidência na vida de Eloy foi a de que ele viria a morar na casa onde Roldão também morou: "Eu era vizinho do Staffa ali na (Rua) Washington Luiz. Eu morei na casa que foi do Roldão Barbosa. Fui criado ali. Foi construída pelo pai dele. A casa tem uma gravação na parede assim "1888". [...] Então até nisso eu fiquei... com cinema... morando na casa do Roldão" (DOS SANTOS, 2019).

3. Considerações finais

Esta pesquisa se localiza na trajetória dos estudos historiográficos das salas de cinema e das memórias dos públicos ligadas a práticas socioculturais de ida ao cinema**.** É necessário ressaltar que a entrevista com Eloy foi de suma importância para a realização deste trabalho, pois além explorando as lembranças do interlocutor, tivemos acesso a informações que puderam ser analisadas mais a fundo na pesquisa de campo. Como principal exemplo, foi a partir dos relatos do professor Eloy que pudemos indagar, por exemplo, a conexão entre a Família Imperial e o Cine Glória, confirmando-a através de dados coletados no Livro de Impostos Prediais ao longo de nossa consulta ao Arquivo Histórico de Petrópolis.

Este artigo analisou apenas uma pequena parcela das histórias do cenário cinematográfico da cidade, optando por um recorte temporal limitado à fase de introdução da cultura das telas em Petropólis. Entretanto, durante a pesquisa, levantamos a informação de que outras 31 salas de cinema teriam existido na cidade desde o século passado.

Atualmente, Petrópolis possui seis salas de cinema inseridas no circuito comercial. Essas salas estão divididas entre quatro complexos, a saber: uma sala no Cine Bauhaus, no Centro; três salas no Cinemaxx Mercado Estação, no Centro; duas salas no Top Cine Hiper Shopping, no Alto da Serra (também pertencente ao grupo Cinemaxx); e uma sala no Cine Itaipava, em Itaipava, distrito de Petrópolis.

O campo das pesquisas sobre os cinemas de Petrópolis se mostra muito rico em termos de capacidade de exploração, mas, infelizmente, esta temática ainda não recebe a devida atenção. O mesmo podemos apontar em relação à salvaguarda e à preservação de materiais de arquivo, fotografias, documentos e plantas desses cinemas mais antigos: faltam cuidados e políticas de valorização, preservação, recuperação e divulgação das memórias dos cinemas petropolitanos. É esse cenário que a realização de artigos e estudos como o nosso almeja mudar.

4. Referências

Livros

BILTEREYST, Daniël; MALTBY, Richard; MEERS, Philippe (eds..). *Cinema, audiences and modernity*: new perspectives on European cinema history. Oxon, New York: Routledge, 2012.

FERRAZ, Talitha. *A Segunda Cinelândia Carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.

FREIRE, Rafael de Luna. *Cinematographo em Nitctheroy:* História das salas de cinema de Niterói. 1. ed. Niterói: Niterói Livros, 2012.

GONZAGA, Alice. *Palácios e Poeiras*: 100 anos de cinema no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Funarte, Record, 1996.

KUHN, Annette. *An everyday magic*: cinema and cultural memory. Londres: I.B. Tauris e Co. 2002.

MALTBY, Richard; BILTEREYST, Daniël; MEERS, Philippe (eds.). *Explorations in New Cinema History*: approaches and case studies. Oxford: Blackwell Publishing, 2011.

SOUZA, José Inácio de Melo. Os primórdios do cinema no Brasil. In: RAMOS, Fernão Pessoa e SCHVARZMAN, Sheila (orgs). *A Nova História do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018, v. 1.

Artigos

FERRAZ, Talitha. *Usos e instrumentalizações da memória em reaberturas de antigos cinemas: De Roma, um caso belga.*

FERRAZ, Talitha. *As potências da "nostalgia ativa" na luta pela salvaguarda do Cine Vaz Lobo*. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/14476>. Acesso em: 6 nov. 2019.

MOORE, Paul S. Movie Palaces on Canadian Downtown Main Streets: Montreal, Toronto, and Vancouver. *Urban History Review / Revue d'histoire urbaine*. Vol. 32, No. 2 (Spring 2004 printemps), p. 3-20. Disponível em: <http://psmoore.ca/wp-content/uploads/2015/03/5-2003-moore-urbanhistoryreview.pdf>. Acesso em: 3 set. 2018.

Material de Arquivo

Biblioteca do Museu Imperial

Revistas:

VIDA COMMERCIAL. Petrópolis: ano 5, n. 195, 28 de mar. de 1929.

VIDA COMMERCIAL. Petrópolis: ano 5, n. 202, 20 de mai. de 1929.

VIDA COMMERCIAL. Petrópolis: ano 5, n. 204, 04 de jun. de 1929.

VIDA COMMERCIAL. Petrópolis: ano 5, n. 205, 12 de jun. de 1929.
VIDA COMMERCIAL. Petrópolis: ano 5, n. 206, 20 de jun. de 1929.
VIDA COMMERCIAL. Petrópolis: ano 5, n. 212, 04 de ago. de 1929.
VIDA COMMERCIAL. Petrópolis: ano 5, n. 215, 20 de ago. de 1929.
VIDA COMMERCIAL. Petrópolis: ano 5, n. 218, 20 de set. de 1929.
VIDA COMMERCIAL. Petrópolis: ano 5, n. 219, 28 de set. de 1929.
VIDA COMMERCIAL. Petrópolis: ano 5, n. 220, 04 de out. de 1929.
VIDA COMMERCIAL. Petrópolis: ano 5, n. 222, 20 de out. de 1929.
Jornais:
FRÓES, Gabriel Kopke. A estréia do Cinematógrafo. *Jornal de Petrópolis*, Petrópolis, 03 de jan. de 1965. Curiosidades Petropolitanas.
FRÓES, Gabriel Kopke. O velho e saudoso Teatro Petrópolis. *Jornal de Petrópolis*, Petrópolis, 22 de nov. de 1964. Curiosidades Petropolitanas, p.5.
SANTOS, Joaquim Eloy. O Cinema da Escola. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 15 de mai. de 1993.

Arquivo Histórico de Petrópolis
Jornais:
CAMPOS, José Luiz. Cinema já foi a maior atração em Petrópolis, tempo que não volta mais. *Jornal de Petrópolis*, Petrópolis, 10 de out. de 1998. Cidade, p. 6 e 7.
MÜLLER, Roberta. Quase 20 cinemas já fecharam em Petrópolis. *Diário de Petrópolis*, Petrópolis, 24 de jul. de 2011. Especial, p. 8.
SANTOS, Joaquim Eloy. Cinema brasileiro: a verdade. *Diário de Petrópolis*, Petrópolis, 24 de ago. de 1997. Caderno Especial, p. 12.
SANTOS, Joaquim Eloy. História do Espetáculo em Petrópolis. *Jornal Petrópolis em Cena*, Petrópolis, fev. de 2012. Túnel do Tempo, p. 14.
SANTOS, Joaquim Eloy. O Cinema Petrópolis – sua história (I). *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 21 de mar. de 1999. Instituto Histórico, p. 11.
SANTOS, Joaquim Eloy. O Cinema Petrópolis – sua história (II). *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 28 de mar. de 1999. Instituto Histórico, p. 11.
SANTOS, Joaquim Eloy. O Cinema Petrópolis – sua história (III). *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 04 de abr. de 1999. Instituto Histórico, p. 11.
SILVEIRA FILHO, Oazinguito Ferreira da. O Cinema em Petrópolis. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 31 de jan. de 2007. Opinião, p. 2.

Anúncios/programas em jornais:
A Inauguração de uma nova casa de diversões: abre-se hoje o Cine-Glória. *Jornal de Petrópolis*, Petrópolis, p.1, 23 de mai. de 1929.

Como se deu a inauguração do Cine Glória. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, p.1, 24 de mai. de 1929.
Inauguração Cinematographo. *Gazeta de Petrópolis*, Petrópolis, p.4, 1° de mai. de 1897.
Inauguração Cine Glória. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, p.1, 21 de mai. de 1929.
Inauguração Cine Glória. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, p.1, 23 de mai. de 1929.
Programa Cine Glória. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, p.1, 25 de mai. de 1929.
Programa Cine Glória. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, p.1, 02 de jul. de 1929.

Documentos:
Livro de Imposto Predial de 1926. p.123, 124, 139.
Livro de Imposto Predial de 1927 e 1928. p.146, 129, 130, 205, 206.
Livro de Imposto Predial de 1929 e 1930. p.131, 150, 221, 222.
Requerimento de J.R. Staffa solicitando transitar pela cidade um veículo com tabuletas referentes à programação de seu cinema. 03 de jan. de 1917, número registro 29.

Arquivo Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Jornais:
GRANDE perda. *JB*, Rio de Janeiro, 23 de abr. de 1996.
SWAN, Carlos; BOECHAT, Ricardo. Menos um. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 de abr. de 1996.

Programas:
21 de mai. de 1919. Theatro Petrópolis.
12 e 13 de abr. de 1922. Theatro Petrópolis.
17 de abr. de 1952. Cinema Capitólio.
22 de mai. de 1952. Cinema Capitólio.
23 de fev. de 1953. Cinema Capitólio.
19 de fev. de 1954. Cinema Capitólio.
17 de abr. de 1954. Cinema Capitólio.

Fontes orais:
DOS SANTOS, Joaquim Eloy [mai. 2019] Entrevistadora: Natália Stadler Luiz. Petrópolis-RJ, 31 mai. 2019.